

ARTIGO

UMA ANÁLISE DOS HOMICÍDIOS DOLOSOS EM NOSSA SENHORA DO SOCORRO/SE NO PERÍODO DE 2012 A 2017¹

ANÚBIA MELO TAVARES

Agente de Polícia Judiciária da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe (SSP-SE) e professora da rede municipal de educação de Nossa Senhora do Socorro. Aracaju/SE. Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE).

País: Brasil **Estado:** Sergipe **Cidade:** Aracaju

E-mail: anubiamelo3@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0003-1328-150X>

VERÔNICA TEIXEIRA MARQUES

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas da Afya Centro Universitário (UNIMA). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

País: Brasil **Estado:** Alagoas **Cidade:** Maceió

E-mail: veronica_marques@hotmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6831-504X>

MARCO ANTONIO JORGE

Professor Titular do Departamento de Economia e dos Programas de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Economia de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EAESP-FGV).

País: Brasil **Estado:** Sergipe **Cidade:** Aracaju

E-mail: mjorge@ufs.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7195-9364>

Contribuições dos autores: O artigo é fruto da dissertação de mestrado de Anúbia Melo Tavares, orientada por Verônica Teixeira Marques. A primeira versão do artigo foi escrita por Marco Antonio Jorge. Assim, todos os autores são responsáveis pela concepção e delineamento da versão final, bem como pela análise e interpretação dos dados, além da revisão textual final.

RESUMO

Nossa Senhora do Socorro/SE foi considerada a 3ª cidade mais violenta do país em 2015, com uma taxa de homicídios correspondente a 89,7 por cem mil habitantes. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em produzir um diagnóstico dos homicídios no referido município. Nesse sentido, o artigo busca contribuir para o planejamento do trabalho policial e para subsidiar ações de prevenção e redução da violência homicida no município. Foram analisados todos os inquéritos policiais disponíveis (fonte primária) referentes aos anos de 2012 a 2017, o que permitiu identificar os perfis de indiciados e vítimas, além do mapeamento dos casos, utilizando-se o método de Kernel. Os resultados mostram que os homicídios dolosos são co-

1 O artigo é fruto de uma dissertação de mestrado.

metidos predominantemente em vias públicas e com o uso de arma de fogo, envolvendo jovens negros e pardos, do sexo masculino e de baixa escolaridade.

Palavras-chave: Diagnóstico de homicídios. Inquérito policial. Caracterização de vítimas e agressores.

AN ANALYSIS OF INTENTIONAL HOMICIDES IN NOSSA SENHORA DO SOCORRO/SE IN THE PERIOD 2012 TO 2017

ABSTRACT

Nossa Senhora do Socorro/SE was considered the third most violent city in Brazil in 2015, with a homicide rate corresponding to 89.7 per hundred thousand inhabitants. Therefore, the objective of this work is to produce a diagnosis of homicides in that municipality. In this sense, the article seeks to contribute to the planning of police work and to support actions to prevent and reduce homicidal violence in that city. All available police investigations (primary data) were analyzed, covering the years 2012 to 2017, which made it possible to identify the profiles of criminals and victims, in addition to mapping the cases, using the Kernel method. The results show that intentional homicides are predominantly committed on public roads and with the use of firearms, involving young black males with low education.

Keywords: Diagnosis of homicide. Police inquiry. Description of victims and aggressors.

Data de recebimento: 28/06/2024 **Data de aprovação:** 02/09/2025

DOI: 10.31060/rbsp.2027.v21.n1.2205

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1980, os homicídios dolosos alcançaram patamares expressivos nos grandes aglomerados urbanos do país, com prevalência na região Sudeste, porém, a partir de meados da década seguinte, há um crescimento exponencial da violência homicida na região Nordeste, em especial nas capitais.

Observa-se que o crescimento da violência letal no Brasil não se apresenta de modo homogêneo em todas as regiões ou microrregiões, por isso o estudo detalhado de determinadas áreas é importante para identificar suas peculiaridades (Sauret, 2012).

O aumento da violência pode ser verificado por meio da taxa de homicídios por 100 mil habitantes, no período de 2000 a 2010, no estado de Sergipe, onde o aumento da violência foi significativamente maior do que a média brasileira no período (Fonseca; Marques; Nogueira Júnior, 2014).

Essa escalada do aumento da violência letal foi observada em Nossa Senhora do Socorro/SE, município localizado na região da Grande Aracaju (capital sergipana), que se tornou a terceira cidade mais violenta do país, alcançando uma taxa de 89,7 homicídios por cem mil habitantes em 2015 (Ipea; FBSP, 2017).

A partir dos dados analisados, percebeu-se que determinados tipos de violência letal não aconteciam em qualquer lugar, nem vitimavam indistintamente qualquer pessoa. O crime de homicídio, por exemplo, parecia recair predominantemente sobre vítimas com perfis socioeconômicos semelhantes, fato revelador da necessidade de estudo detalhado sobre esse objeto. Chamou a atenção em Sergipe, em especial, o crescimento da

prática homicida no município de Nossa Senhora do Socorro e o fato de muitos dos indiciados e das vítimas serem pessoas jovens, do sexo masculino e moradores de áreas com deficiência de infraestrutura.

Notou-se também que a agenda de políticas públicas não se voltava com prioridade e eficiência para atender às necessidades desse público e para conhecer as causas dessa recorrente letalidade.

A partir dessa primeira percepção, buscou-se direcionar o estudo sob a ótica do seguinte questionamento: Por que em Sergipe, os homicídios dolosos cresciam exponencialmente em Nossa Senhora do Socorro? Para responder a esse questionamento buscou-se, então, realizar um diagnóstico do crescimento dos homicídios em Nossa Senhora do Socorro/SE. Nesse sentido, o artigo busca contribuir para o planejamento do trabalho policial e para subsidiar ações de prevenção e redução da violência homicida no município.

A pesquisa foi metodologicamente dividida em etapas. Na primeira, fez-se a construção dos registros teóricos a partir da literatura selecionada. A segunda etapa, fase de pesquisa de campo, voltou-se para a leitura de todos os inquéritos policiais disponíveis (fonte primária) referentes aos anos de 2012 a 2017. Essa construção permitiu, por efeito, identificar os perfis de indiciados e vítimas, além da definição da localização das ocorrências de homicídios, utilizando-se do mapeamento pelo método de Kernel.

O artigo está estruturado em cinco seções, além dessa breve introdução. Na primeira, busca-se caracterizar o homicídio como um fenômeno complexo a partir de diversas teorias que buscam compreender esse tipo de violência. A segunda seção descreve brevemente a evolução da violência homicida no Brasil e em Sergipe no período de vinte anos, de 1996 a 2016, com especial atenção à caracterização do município de Nossa Senhora do Socorro/SE e seu processo de urbanização acelerada. Na seção seguinte, apresenta-se o delineamento metodológico do trabalho; enquanto os resultados da pesquisa são apresentados e discutidos na quarta seção. Por fim, a última seção reforça as principais conclusões deles derivadas.

HOMICÍDIO: UM FENÔMENO COMPLEXO

O Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940, que instituiu o atual e vigente Código Penal Brasileiro – CPB (Brasil, 1940), define o homicídio como sendo a ação de matar alguém (art. 121). Para o homicídio doloso simples é cominada pena de 6 a 20 anos de reclusão, sendo qualificado recebe punição de 12 a 30 anos de reclusão.

Assim, para os fins deste trabalho, o homicídio doloso consubstancia-se no ato intencional de ceifar a vida de outra pessoa. Porém, a despeito da breve definição legal, o homicídio revela-se como um fenômeno social complexo.

Nesse sentido, qualquer política séria de redução de homicídios demanda diagnóstico que considere os fatores multicausais desse fenômeno. Nesse cenário “compreender as dinâmicas e diferenças entre cada um desses ‘assassinatos’ é condição para o desenvolvimento de estratégias sólidas e sustentáveis para o enfrentamento da violência” (Bueno, 2018, n.p.).

Sobre o entendimento do homicídio, observa-se que se apresenta sob duas óticas: a compreensão por meio dos fatores individuais, por um lado, e estruturais, por outro. Com isso, possibilita-se a identificação dos perfis das vítimas, dos autores, da relação existente entre eles, da motivação do crime (fatores

individuais); das características do ambiente que favorecem a prática homicida, das relações sociais e da distribuição do crime no espaço (fatores estruturais) (Silva, 2006).

Dentre as principais teorias acerca dos determinantes da criminalidade, pode-se destacar (Cerqueira; Lobão, 2003a, 2003b):

Teoria das Patologias Individuais – surge para fundamentar os primeiros estudos sobre criminologia. A teoria se propõe a explicar o comportamento criminoso em decorrência da natureza biológica, psicológica e psiquiátrica do indivíduo. Essa abordagem foi progressivamente abandonada após o final da Segunda Guerra, em razão do seu pressuposto eugenista e dos novos estudos e experimentos que comprovaram não haver distinção entre criminosos e não-criminosos em decorrência de características anatômicas, do nível de inteligência ou do perfil psicológico. Porém, não se descarta a ideia de que a criminalidade seria advinda do efeito dos problemas mentais ou biológicos individuais conectados a outros problemas decorrentes das relações sociais; neste sentido, há uma aliança de ideias de ordem individual, social e cultural (Cerqueira; Lobão, 2003a, 2003b).

Teoria da Desorganização Social – trata-se de uma abordagem sistêmica sobre determinada comunidade e sua rede de associações formais e informais. Propõe-se a revelar as correlações entre criminalidade e fatores estruturais da realidade, a partir de determinadas variáveis, a exemplo do *status* econômico, da heterogeneidade étnica, da mobilidade residencial, da desagregação familiar, da urbanização, do desemprego. Testaram essa teoria: Sampson; Groves (1989) e Warner; Pierce (1993).

Teoria do Estilo de Vida – considera três elementos na sua fundamentação: uma vítima em potencial, um agressor em potencial e os recursos de proteção da vítima. Essa teoria não considera motivações e comportamento individual do criminoso; seu foco é direcionado para os hábitos e a rotina de vida das vítimas que facilitariam ou não a ação criminosa.

Teoria do Aprendizado Social (Associação Diferencial) – os indivíduos determinam seus comportamentos em razão das suas experiências pessoais em situações de conflito. Centra-se, pois, na análise do comportamento, principalmente de jovens, cuja propensão ou não ao crime teria origem nas interações interpessoais (Sutherland, 1983).

Teoria do Controle Social – propõe-se a explicar por que a maioria das pessoas se abstém de cometer crimes. Por essa teoria, quanto maior for o envolvimento do indivíduo com a sociedade e a concordância com os valores e as normas vigentes, menores são as possibilidades dele se tornar criminoso.

Teoria do Autocontrole – elaborada por Gottfredson e Hirschi (1990), entende que o comportamento “anormal” criminoso seria decorrente de deformações no processo de socialização e autocontrole da criança, por ineficácia da educação recebida e por ausência de imposição de limites. O resultado desses fatores seria a má-formação do mecanismo de autocontrole e consequentemente a ação impulsiva e egoísta para satisfação exclusiva dos seus interesses. Duas críticas recaem sobre essa teoria: o fato de centralizar-se numa única premissa (autocontrole) para explicar a complexidade dos comportamentos “desviantes” e, também, porque a correlação de sinais de falta de autocontrole e comportamento desviante não explicaria a delinquência.

Teoria da Anomia de Merton (1938) – diz que a motivação da delinquência decorreria da impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas, por exemplo, o sucesso financeiro ou *status* social. Fatores como frustração por não possuir e/ou não ser capaz de alcançar, com os meios socialmente existentes, suas aspirações. Sofrimento cotidiano, relações negativas com adultos, brigas familiares e tensões no trabalho são variáveis utilizadas para testar a teoria.

Teoria Econômica da Escolha Racional – modelo proposto por Becker (1968). Os indivíduos decidem sua participação em atividades criminosas a partir da avaliação e comparação racional entre ganhos e perdas advindas das atividades ilícitas e o ganho alternativo no mercado legal. Fundamenta-se na hipótese de que o ato criminoso decorreria de uma avaliação individual e racional em torno dos benefícios e custos da ação criminosa comparativamente com os ganhos da alocação desse mesmo tempo no mercado de trabalho legal.

Modelo Ecológico – adotado pela Organização Mundial de Saúde com a pretensão de contribuir para a compreensão da natureza multifacetada da violência, este modelo se fundamenta na multicausalidade da violência e analisa as interrelações entre condições individuais e contextuais, considerando que ela resulta da influência de quatro diferentes dimensões: (a) individual, focada nas características da pessoa, as quais aumentam a possibilidade de ela ser uma vítima ou um perpetrador da violência (condições biológicas, baixo rendimento escolar, histórico de agressão e abuso, demográficas, abuso de substâncias [tóxicas], dentre outras); (b) relacional, que explora como a vitimização ou perpetração da violência pode ser influenciada pelas relações sociais próximas (família, parceiros íntimos, amigos), e no caso da violência entre jovens há uma probabilidade maior de ocorrer quando os comportamentos violentos são incentivados e aprovados pelos amigos; (c) comunitária, que focaliza as condições dos cenários em que se dão as relações e que possibilitam o envolvimento com a violência (escolas, locais de trabalho, vizinhança), havendo evidências de que há maior probabilidade de acontecer atos violentos em determinados ambientes comunitários que em outros; e (d) social, que analisa as condições sociais e culturais mais amplas que influenciam os índices de violência (normas culturais, conflitos políticos, machismo, políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais) (OMS, 2002).

Cano e Soares (2002 *apud* Cerqueira; Lobão, 2003a) reforçam a importância desse grupo de teorias, focando-as em cinco correntes: a que preconiza a realização do crime por conta de fatores individuais, a exemplo das patologias individuais; a teoria da atividade racional de maximização do lucro (teoria econômica da escolha racional); teorias que compreendem o crime como subproduto de um sistema social desigual e perverso; teorias que entendem a atividade criminosa como resultado da perda de controle do Estado e da desorganização social na sociedade moderna; e, por fim, abordagens que tentam explicar o crime em função de fatores situacionais ou de oportunidade.

Por fim, segundo Goldstein (1985), os homicídios decorrentes do consumo e do comércio de drogas ilícitas podem ser deflagrados por conta de: a) dos efeitos psicofarmacológicos das drogas – que tornariam o agressor violento; b) da compulsão econômica – parte da mudança comportamental que torna a pessoa compulsiva e necessitada de recursos financeiros para aquisição da droga e; c) do princípio da violência sistêmica – parte da relação da morte por homicídio com as drogas ilícitas (tráfico de drogas) pela disputa de território por gangues ou organizações criminosas, cobrança de dívidas derivadas desse comércio ilícito, etc.

O estudo de Goldstein (1985) tem grande relevância para este trabalho, uma vez que, no tocante à motivação da prática homicida em Nossa Senhora do Socorro, buscou-se observar se há correlação entre as drogas ilícitas e os três canais por ele mencionados.

A literatura empírica relaciona a prática homicida com o baixo grau de escolaridade no Brasil. Por exemplo, pesquisa realizada pelo Ipea concluiu que a violência homicida verificada em 81 municípios brasileiros inseridos no Plano Nacional para Redução de Homicídios (PNRH), em 2014, foi responsável por quase metade dos homicídios (46,8%) no Brasil e esteve diretamente correlacionada à falta de escolarização dos jovens residentes nesses municípios. Nessa mesma linha, ressalta que para cada 1% de jovens de 15 a 17 anos na escola, haveria uma redução de 2% na taxa de homicídios (Cerqueira *et al.*, 2016).

HOMICÍDIOS NO BRASIL E EM SERGIPE NO PERÍODO DE 1996 A 2016

A partir de meados da década de 1990, passa-se a observar uma queda da violência homicida na região Sudeste concomitante a um aumento nas demais regiões, em especial no Nordeste e no Norte.

TABELA 1

Homicídios ocorridos no Brasil, por regiões (1996 e 2016)

Região	Homicídios em 1996	Homicídios em 2016	Percentual
Norte	1.945	7.903	306%
Centro-Oeste	2.779	5.647	103%
Nordeste	8.126	24.863	206%
Sudeste	22.806	16.815	-26%
Sul	3.273	7.289	123%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do Ipea; FBSP (2017).

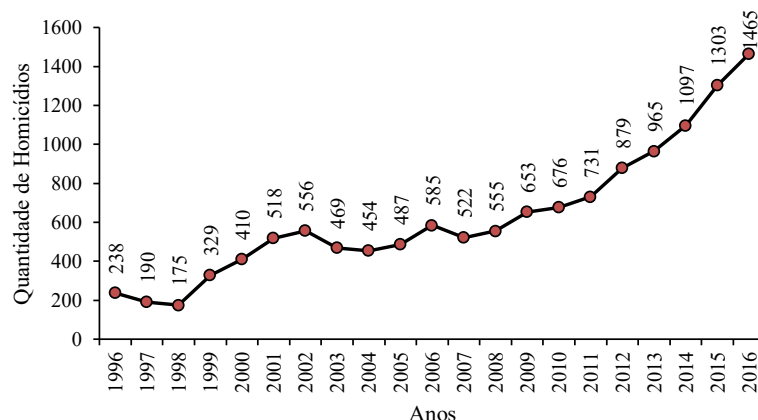
De acordo com a Tabela 1, comparando os anos de 1996 e 2016, a região Sudeste foi a única que apresentou redução nos números de homicídios, correspondente a 26%. Já as demais regiões, Centro-Oeste, Sul, Norte e Nordeste, seguiram na contramão da redução, ostentando aumentos expressivos, com variação de 103% a 306%.

Jorge (2018) mostra, inclusive, que o crescimento dos homicídios na região Nordeste na primeira década do séc. XXI configura-se como um aparente mistério, posto que não é explicada pelas principais variáveis utilizadas na literatura. Assim, dos dez estados brasileiros com as maiores taxas de homicídio em 2016, seis pertenciam à região Nordeste e o estado de Sergipe encabeçava a lista (Ipea; FBSP, 2017).

O Gráfico 1 expõe os dados anuais dos homicídios ocorridos em Sergipe a partir de 1996, com destaque para o crescimento ininterrupto no período de 2008 a 2016. Ressalte-se que o estado de Sergipe no período de 20 anos teve um crescimento em números de homicídios em mais de 500%.

GRÁFICO 1

Número de homicídios, estado de Sergipe (1996 a 2016)



Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do Ipea; FBSP (2017).

Com isso, a taxa de homicídios por cem mil habitantes, que era de 14,7 em 1996, chega a cair para 10,4 em 1998, mas a partir daí ostenta um crescimento praticamente contínuo, chegando a 49,4; 58,1 e 64,7 homicídios por cem mil hab. em 2014, 2015 e 2016, respectivamente.

NOSSA SENHORA DO SOCORRO E SEU ACELERADO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Nossa Senhora do Socorro está localizada no litoral leste do estado de Sergipe, numa área de aproximadamente 156 km² e integra a Região Metropolitana de Aracaju. No último Censo realizado pelo IBGE, em 2022, o município tinha 192.330 habitantes (IBGE, 2022).

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro surgiu de pequenos assentamentos iniciados na região do Cotinguiba, no final do século XVI, nas terras ocupadas pelo Cacique Serigy. No ano de 1718, foi elevada à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar do Cotinguiba. Em 1835, passou ao domínio da recém-criada Vila de Laranjeiras; e em 1855, foi determinada sua incorporação ao território de Aracaju, a nova capital da província. Essas mudanças reforçaram o sentimento de autonomia da população, sendo, por força da Lei Provincial nº 792, de 14 de março de 1868, desmembrado e emancipado de Aracaju. O atual nome do município foi definitivamente fixado pela Lei Estadual nº 554, de 6 de fevereiro de 1954 (Rodrigues, 2017).

A cidade, considerada pacata e pouco povoada, que contava com 13 mil habitantes em 1980, viu esse número saltar para mais de 67 mil no Censo de 1990 e dobrar no início da década seguinte. Essa expansão populacional e urbana teve origem na política nacional de estímulo à industrialização regional e nas ações do governo estadual que subsidiou a construção de milhares de casas em conjuntos residenciais, principalmente nos chamados complexos Taiçoca e Jardim. Este último teve a aceleração de seu povoamento fomentada pelas ações regionais implementadas pelo Governo Federal. Após os anos 1970, destacam-se as obras de asfaltamento da rodovia BR-101 e a construção da BR-235.

A urbanização brasileira possui características evidentes como a rapidez da evolução urbana (sobretudo após II Grande Guerra), a concentração da população em grandes cidades, além

de elevada desigualdade socioespacial. À exclusão, agregam-se problemáticas a ela vinculadas em todas as metrópoles brasileiras: o desemprego, a eliminação de postos de trabalho, a má distribuição de renda, o déficit habitacional, a criminalidade e a violência urbana, todos identificados em espaço constituído com desigualdade social (Paviani, 2010, p. 227).

A partir dos anos 1980, as áreas periféricas das grandes cidades brasileiras passaram por um acelerado crescimento populacional, formando grandes aglomerados periféricos, com visível segregação espacial e homogênea pobreza (Maricato, 2000). Nossa Senhora do Socorro também passou por esse processo, experimentando um crescimento expressivo de sua população, em especial nas décadas de 1980 e 1990.

A construção em série de conjuntos habitacionais no município e, particularmente, a do complexo Taiçoca fazia parte do planejamento habitacional macro voltado para atender à demanda de mão de obra do planejado distrito industrial de Nossa Senhora do Socorro. No entanto, a crise econômica que assolou o país, a partir dos anos 1980, foi determinante para frustrar o ingresso, como se almejava, do município de Nossa Senhora do Socorro como um polo industrial.

Apesar desse cenário, a construção de núcleos habitacionais seguiu em frente, atendendo à demanda habitacional dos trabalhadores em razão também da construção e do funcionamento do DIA (Distrito Industrial de Aracaju). Também a valorização imobiliária nas áreas mais centrais de Aracaju forçou uma grande parcela da população pobre, desempregada e assalariada a buscar residência nas áreas circunvizinhas da capital, mais baratas, porém mais precárias (França, 1999).

Outro ponto relevante no contexto da evolução populacional e econômica do município foi o investimento dos comerciantes de pequeno e médio porte naquela localidade, que aqueceu a economia local, além de, mais recentemente, a inauguração de um *shopping center*.

O forte crescimento populacional em duas décadas trouxe problemas sérios, como a falta de infraestrutura em decorrência da ausência ou deficiência de oferta e prestação dos serviços públicos. E a cidade passou a testemunhar o crescimento da violência homicida.

Nesse sentido, a cidade de Nossa Senhora do Socorro contribuiu decisivamente para o aumento dos homicídios no estado de Sergipe. A Tabela 2 apresenta o número de casos de homicídio doloso ocorridos no município entre os anos de 2008 e 2018.

TABELA 2

Quantidade de homicídios dolosos, período de 2008 a 2018 – Nossa Senhora do Socorro/SE

Ano	Número de homicídios
2008	53
2009	62
2010	63
2011	63
2012	101
2013	94
2014	107
2015	143
2016	136
2017	134
2018	90

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados da CEACrim (s/d).

Os dados indicam crescimento dos homicídios de 2008 a 2012. No ano de 2013, houve redução de 7% em relação ao ano anterior. Em 2014 e 2015, a municipalidade experimenta um crescimento considerável, respectivamente de 14% e 34% em relação aos anos anteriores. Nos anos seguintes, todavia, ocorre um processo de redução dos homicídios com variação de 5% e 32% nos anos de 2016 e 2018.

Segundo informações da Secretaria de Segurança Pública (SSP/SE), essa redução dos homicídios a partir de 2016 se deu, em parte, por conta do trabalho de planejamento realizado pelo Gabinete de Gestão Operacional da Secretaria de Segurança Pública.

O trabalho de planejamento fundamenta-se nos dados gerados pela Coordenadoria Geral de Subsistema de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública – Corgescisp, através da Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal – CEACrim, e pelo Núcleo de Análise e Pesquisa em Políticas de Segurança Pública e Cidadania – Napsec, além de outros setores e departamentos da SSP.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Optou-se por uma pesquisa mista, de cunho qualitativo e quantitativo, bem como de natureza descritiva. Para tanto, utilizou-se de acervo bibliográfico produzido por pesquisadores sobre o tema e, também, da análise dos inquéritos policiais (fonte primária) instaurados para a investigação das ocorrências homicidas no período de 2012 a 2017. Com base no estudo bibliográfico e, também, nas informações contidas nos inquéritos policiais analisados, foram definidas as variáveis e categorias utilizadas na construção da planilha (Apêndice A), que propiciaram a elaboração do diagnóstico dos homicídios dolosos.

Compete ao Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa – DHPP, unidade integrante da estrutura da Secretaria de Estado da Segurança Pública – SSP/SE, a responsabilidade pela investigação dos crimes de homicídios. Contudo, a divisão estabelecida pelo DHPP não permitia identificar previamente as ocorrências de homicídios por município, havendo, portanto, a necessidade de se fazer a triagem dos inquéritos por cidade.

A partir do segundo semestre de 2012, ficou estabelecido que o DHPP passaria a atuar com cinco divisões, com limitação de competência para cada delegado integrante do departamento estabelecida através do zoneamento por bairros e municípios. A competência para apuração dos casos de homicídios ocorridos em Nossa Senhora do Socorro passou, então, a ser da 4ª divisão do DHPP.

Considerando que essa mesma divisão também era responsável por investigar outros crimes e ocorrências de morte, a pesquisa ampliou o seu objeto, quantificando também os casos de suicídios, afogamentos, abortos e outros crimes, em razão da necessidade de distinguir o homicídio doloso dos demais tipos penais, utilizando, para tanto, o livro de registro e as informações contidas na parte externa das caixas dos inquéritos.

No período de análise foram registradas pelo DHPP 698 mortes por homicídios, sendo analisadas 644 dessas ocorrências, considerando que nem todos os inquéritos foram disponibilizados. Foram realizadas visitas à Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal (CEACrim), ao Instituto Médico Legal (IML), ao Denarc, ao DHPP e à Secretaria de Estado da Segurança Pública, que permitiram a compreensão sobre o funcionamento e as relações estabelecidas entre esses departamentos e sobre os fatos investigados.

De acordo com informações da CEACrim e de outras fontes da SSP, os dados divulgados sobre homicídios no estado de Sergipe estão embasados nos registros do Instituto Médico Legal – IML, nos Boletins de Ocorrências Policiais – BOs e nas matérias publicadas pela imprensa. Mas não há, entretanto, informações mais precisas derivadas da análise específica dos inquéritos policiais.

Apesar da importância dos BOs, neste trabalho eles foram analisados apenas como parte integrante dos inquéritos policiais (IPs), priorizando-se, aqui, os IPs como peça principal, por serem instrumentos legais de investigação mais robustos, trazendo informações mais consistentes sobre as ocorrências.

Não se pode negar que as peças que integram o inquérito policial permitem um detalhamento de informações, a partir não só das oitivas, mas também de toda documentação produzida na fase de investigação, imprescindíveis para o conhecimento da violência e criminalidade em nosso País. No entanto, percebe-se ser incipiente, ainda, a utilização de tais fontes como instrumento de pesquisa.

Foram, então, coletadas informações sobre o local, o horário e a data da ocorrência, o instrumento utilizado, a motivação, informações sobre o autor e a vítima, como sexo, idade e grau de escolaridade, na perspectiva da caracterização do perfil dos envolvidos.

Para a identificação precisa do local da ocorrência estabeleceram-se alguns critérios, como: local de crime, localidade, tipo de logradouro e bairro, este último inserido apenas para verificar a situação sobre a existência de bairros numa perspectiva não oficial:

- a) Bairro – a partir do registro especificado na leitura dos inquéritos;
- b) Local do crime – especifica se a ocorrência se deu em via pública, em residência ou em local diverso (escola, bar, praça, mangue, matagal, construção, fazenda/sítio, prédio, outros);
- c) Logradouro – descreve o nome da rua, travessa, estrada, avenida, rodovia ou outros; onde aconteceu o fato.
- d) Localidade – especifica se a ocorrência se deu em conjunto habitacional, loteamento ou povoado.

Neste trabalho foi utilizado para a construção do mapa temal o método de Kernel, a fim de identificar a densidade de homicídios em Nossa Senhora do Socorro. Esse método permite a compreensão do fenômeno estudado por meio de seu agrupamento em determinada área territorial.

Outro ponto importante foi a identificação da motivação do homicídio, o que demandou a construção de categorias, tais como: discussão/briga, discussão/briga (intrafamiliar), discussão/briga no trânsito, rixa entre grupos de torcidas, intolerância sexual, intolerância religiosa, ganho econômico, ocultação de crime, passional, provocação da vítima, legítima defesa, entorpecentes/drogas, vingança e outras situações; estabelecidas por meio de critérios que limitaram as suas definições.

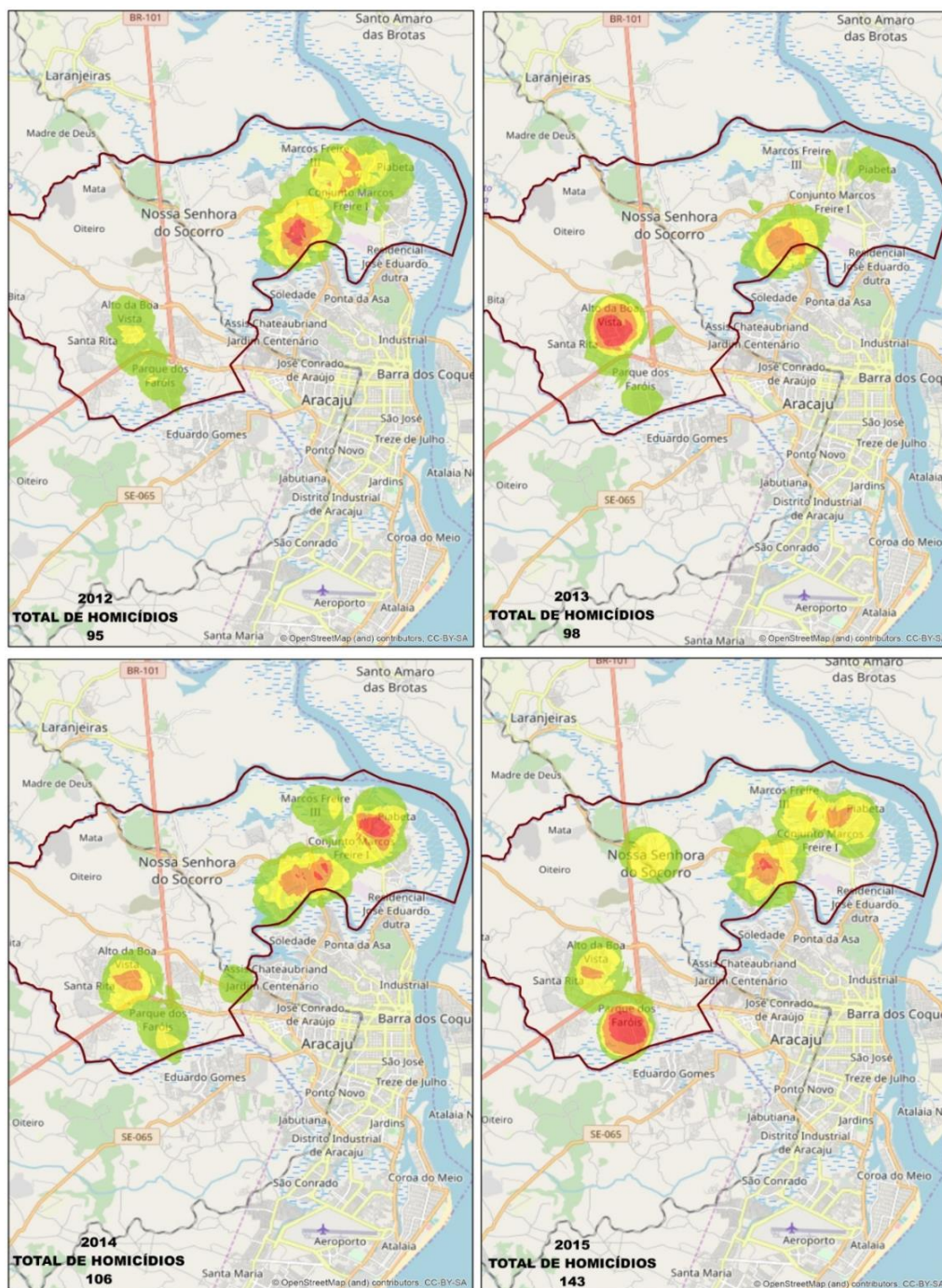
O quadro motivacional e as respectivas categorias foram definidos a partir do referencial teórico proposto por Sauret (2012), por meio do catálogo de motivações das mortes violentas intencionais (MVI), sob a nomenclatura de latrocínio, homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e morte decorrente da atividade policial.

RESULTADOS

Partindo-se das informações levantadas no DHPP, solicitou-se ao Centro de Estatística e Análise Criminal da Polícia Militar de Sergipe – CEACPMSE, a construção dos mapas temais referente às ocorrências de homicídios na cidade de Nossa Senhora do Socorro no período de 2012 a 2017, ilustrados na Figura 1.

FIGURA 1

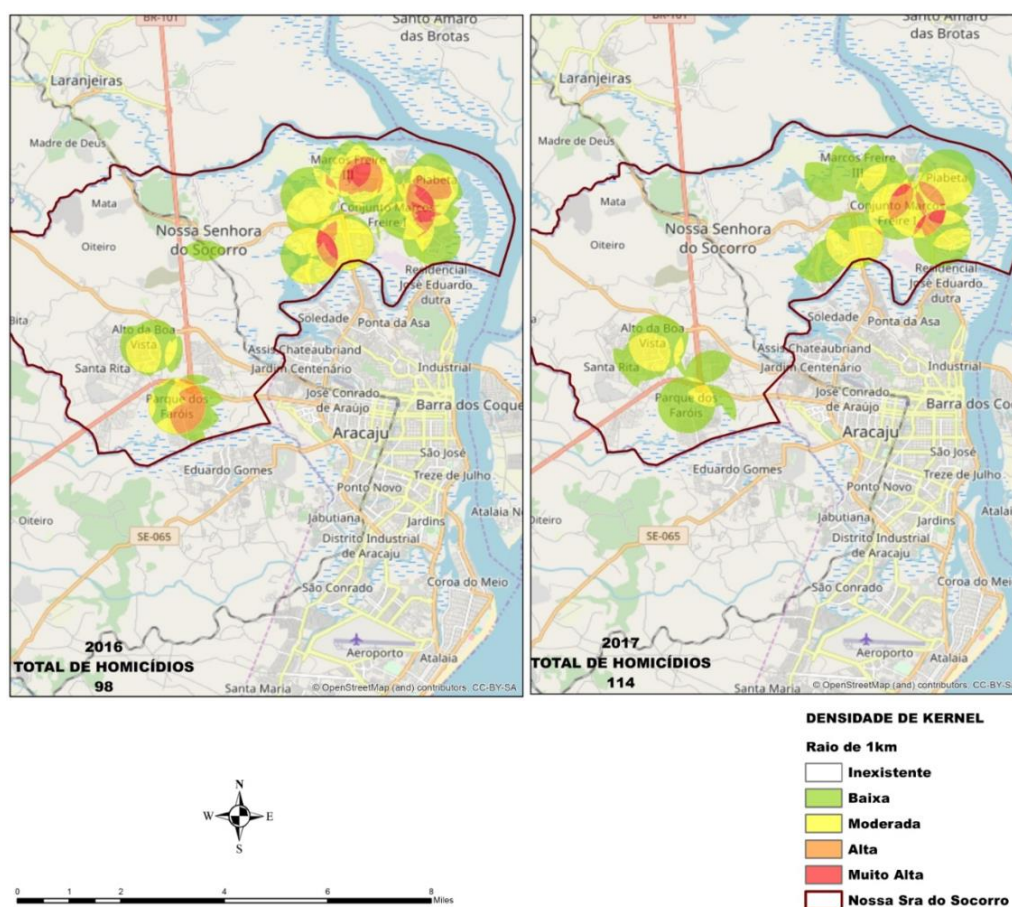
Densidade de homicídios em Nossa Senhora do Socorro (2012 a 2017)



Continua

Uma análise dos homicídios dolosos em Nossa Senhora do Socorro/SE no período de 2012 a 2017

Anúbia Melo Tavares, Verônica Teixeira Marques e Marco Antonio Jorge



Fonte: DHPP, elaboração CEACPMSE (2018).

Verificou-se que no ano de 2012 houve um maior quantitativo de homicídios no complexo Taiçoca, localizado na parte superior do mapa, com variação dos níveis de densidade baixa, moderada, alta e muito alta nessa região. Enquanto o complexo Jardim, localizado na parte inferior do mapa, se apresentou com variação baixa e moderada.

Já no ano de 2013, a densidade de homicídios se tornou mais expressiva justamente no complexo Jardim, variando de alta para muito alta; apesar de diminuir no complexo Taiçoca, ainda se verificou uma concentração moderada e alta.

Em 2014, ampliou-se a área de concentração de homicídios considerada, moderada e alta, com maior expressividade no complexo Taiçoca.

No ano de 2015, o loteamento Parque dos Faróis, localizado no complexo Jardim, apresentou a mais alta concentração de homicídios do município, enquanto a Sede apresentou densidade moderada de ocorrências.

Em 2016, houve uma visível redução na concentração de homicídios no complexo Jardim, com maior expressividade no loteamento Parque dos Faróis, embora mantida densidade moderada e alta em toda

a região. Por outro lado, verificou-se também uma maior disseminação de homicídios em outros espaços territoriais do município, principalmente na região do complexo Taiçoca.

O cenário em 2017, por sua vez, apresentou redução perceptível nas três áreas do município. Na Sede, por exemplo, não houve concentração de homicídios; já nas regiões dos complexos Jardim e Taiçoca predominou densidade baixa e moderada, sendo que em alguns locais da Taiçoca ainda se constatou densidade alta e muita alta.

No geral, observou-se que o crescimento dos homicídios na cidade de Nossa Senhora do Socorro ocorreu em maior escala em seus núcleos mais povoados, no período estudado.

A Tabela 3 apresenta a taxa de elucidação de homicídios em Nossa Senhora do Socorro no período de 2012 a 2017. A taxa oscila de 46% a 58% nos primeiros cinco anos, dando um salto expressivo, no ano de 2017, para 89%, significando que a grande maioria dos inquéritos remetida à Justiça teve indicação de suposto autor do homicídio naquele ano.

TABELA 3

Taxa de elucidação de homicídios em Nossa Senhora do Socorro (2012/2017)

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Taxa	46%	50%	58%	53%	48%	89%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do DHPP (s/d).

O fato de a cidade de Nossa Senhora do Socorro ter sido ranqueada como a terceira cidade mais violenta do Brasil em 2015 direcionou a gestão da SSP-SE para um trabalho articulado com ações planejadas entre as Polícias Civil e Militar, a fim de promover a redução da prática homicida no município. Possivelmente, a elevação da taxa de elucidação de homicídios em 2017 teria correlação com o referido trabalho articulado promovido pela instituição.

CARACTERIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS

Com relação ao local do crime, a prevalência se deu em via pública, alcançando 83% do total dos casos ocorridos na cidade e seguindo a tendência nacional. Essa violência parece alimentar nas relações cotidianas um sentimento de insegurança e, ao mesmo tempo, uma “aceitação” da banalização do valor da vida. Por seu turno, os 13% dos homicídios deflagrados nas residências indicam correlação com drogas ilícitas e, também, com a qualificadora feminicídio. Constatou-se que das 31 mortes de mulheres em Nossa Senhora do Socorro no período, 45% tiveram relação com feminicídio. Por fim, 4% dos casos foram cometidos em outros locais.

Quanto ao instrumento utilizado na execução dos homicídios, constatou-se que a arma de fogo foi o principal instrumento, utilizado em 88% dos casos, e muito acima da média nacional em torno de 70% (Atlas da Violência, 2017), seguida do uso de arma branca em 9% dos casos. Em 3% das ocorrências, foram utilizados outros instrumentos, a exemplo de pedaços de paus e pedras. Esses dados mostram o potencial risco para o aumento da violência homicida decorrente de medidas de flexibilização da posse da arma de fogo no município.

PERFIL DAS VÍTIMAS

Observou-se a predominância de vítimas do sexo masculino, correspondendo a 95% do total (613 casos), enquanto as vítimas do sexo feminino somaram 5% (31 casos). Por sua vez, 86% das vítimas de homicídios em Nossa Senhora do Socorro são pardas e correspondem a 60,9% da população do município; as vítimas de homicídios de pele preta correspondem a 8%, totalizando 17,5% da população socorrense (IBGE, 2022). Assim, as vítimas pretas e pardas somam um total de 94% dos casos registrados no DHPP, mas correspondem a 78,4% da população, refletindo sua sobrerrepresentação nas mortes homicidas de Nossa Senhora do Socorro. As vítimas de homicídios consideradas de pele branca correspondem a 6%, já sua participação na população socorrense representa 21,2%. Não houve registro de mortes de amarelos ou indígenas.

No que diz respeito à faixa etária, a Tabela 4 revela que 44% das vítimas têm de 15 a 24 anos. Somando-se à faixa etária de 25 a 29 anos, o percentual sobe para 62% de vítimas, indicando elevada taxa de jovens cujas vidas foram ceifadas precocemente. Vale notar que as pessoas de 15 a 29 anos correspondem a 25,1% da população do município (IBGE, 2022).

TABELA 4

Quantidade e percentual de vítimas e percentual populacional de Nossa Senhora do Socorro, no período de 2012 a 2017, por faixa etária

Faixa Etária	% População	Nº	% Vítimas
Menor de 15	23,44%	12	2%
De 15 a 19	8,05%	123	19%
De 20 a 24	8,37%	159	25%
De 25 a 29	8,65%	113	18%
De 30 a 34	8,25%	97	15%
De 35 a 39	8,51%	55	9%
40 ou mais	34,73%	85	13%
Total	100%	644	100%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do IBGE (2022) e do DHPP (s/d).

A Tabela 5 apresenta o nível de escolaridade das vítimas de homicídios e expressa um resultado impactante: mais de 80% delas não concluíram o nível fundamental. Incluídos os analfabetos, são 84% das vítimas. Não havia entre elas ninguém com ensino superior.

TABELA 5

Quantidade e percentual das vítimas por nível de instrução, de Nossa Senhora do Socorro, no período de 2012 a 2017

Nível de Instrução	N	%
Analfabeto	20	3%
Fundamental incompleto	522	81%
Fundamental completo	35	5%
Médio incompleto	29	5%
Médio completo	38	6%
Total	644	100%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do DHPP (s/d).

Com relação à passagem ou não pelo aparato policial, destaca-se que em 62% dos casos não houve registro de passagem anterior pela polícia. Já em 33% dos casos, verificou-se que as vítimas de homicídio tiveram de 1 a 3 passagens. Observou-se, ainda, que 3% das vítimas tiveram de 4 a 6 passagens no aparelho policial e 1% das vítimas teve, no mínimo, 7 passagens pela polícia. Essa análise foi possível somente por meio do sistema restrito da SSP/SE.

Por fim, verificou-se o envolvimento das vítimas com drogas ilícitas, o que ocorreu em 56% dos casos, sendo 39% na condição de usuários e 17% na condição de traficantes. Em 26% dos casos, não foi possível identificar a ocorrência de algum tipo de relação entre vítima e drogas ilícitas. E em 18% dos casos, a vítima não tinha nenhum tipo de envolvimento com drogas ilícitas.

PERFIL DOS AGRESSORES

Observou-se a ampla predominância de indiciados do sexo masculino, correspondendo a 97% do total (343 casos), enquanto as vítimas do sexo feminino somaram 3% (12 casos). Essa informação estava disponível em apenas 355 inquéritos.

Com relação à raça, constatou-se que: em 96% dos casos (341) as pessoas são de cor parda; 3%, preta (10 casos); e 1%, branca (3 casos); assim, as classificações preta e parda totalizam 99% dos indiciados. Novamente, a informação estava disponível em 355 inquéritos, somente.

Por outro lado, a Tabela 6 volta-se para a identificação da faixa etária das pessoas indiciadas. De acordo com os dados, 56% possuem idade até 24 anos, percentual que salta para 72% quando incluída a faixa etária até 29 anos. Este dado, analisado em conjunto com os da Tabela 2, revela que indiciados e vítimas, na sua maior parte, são pessoas muito jovens.

TABELA 6

Quantidade e percentual de pessoas indiciadas de Nossa Senhora do Socorro, no período de 2012 a 2017, por faixa etária

Faixa Etária	N	%
Menor de 15	0	0%
De 15 a 19	87	25%
De 20 a 24	111	31%
De 25 a 29	57	16%
De 30 a 34	45	13%
De 35 a 39	30	8%
40 e mais	25	7%
Total	355	100%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do DHPP (s/d).

No que diz respeito ao nível de escolaridade, a Tabela 7 aponta que 86% dos indiciados não concluíram o Ensino Fundamental; apenas 2% conseguiram terminar esse nível, sendo que, respectivamente, 6% e 3% completaram e não completaram o Ensino Médio. Foram registrados 2% de analfabetos ou que declararam “não saber ler, nem escrever”. Em relação ao nível superior, apenas 1% concluiu esse nível e outro

1% não o completou. Ou seja, tal como no caso das vítimas, há uma forte correlação entre baixo grau de escolaridade e indiciados.

TABELA 7

Quantidade e percentual de indiciados por nível de instrução, de Nossa Senhora do Socorro, no período de 2012 a 2017

Nível de Instrução	N	%
Analfabeto	7	2%
Fundamental incompleto	305	86%
Fundamental completo	6	2%
Médio incompleto	10	3%
Médio completo	23	6%
Superior incompleto	3	1%
Superior completo	1	0%
Total	355	100%

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do DHPP (s/d).

Quanto ao grau de reincidência dos indiciados por homicídios, observou-se que 54,7% não possuíam passagem pela delegacia. Ainda segundo os dados, o percentual de indiciados que tiveram de 1 a 3 passagens pela delegacia alcançou 42,5%. Por fim, 2,5% computaram de 4 a 6 vezes passagens pela delegacia.

Também no caso dos indiciados, verificou-se o envolvimento com drogas ilícitas. Observa-se que 61% dos indiciados possuem envolvimento com drogas ilícitas, sendo que 30% são usuários e 31% foram identificados como traficantes. Em 26% dos casos, não foi possível identificar se o indicado possuía relação com drogas ilícitas. Já em 13% dos casos, foi identificado que o indiciado não tinha nenhuma relação com drogas ilícitas.

MOTIVAÇÃO

Em 51,6% dos inquéritos, foi possível identificar a motivação. Pode-se observar que 44,2% (144 casos) dos homicídios foram deflagrados por questões relacionadas a entorpecentes/drogas, seguido por vingança com 28,5% (93 casos). Essas duas categorias motivacionais representam 72%, ou seja, 237 homicídios em números absolutos. Na categoria entorpecentes/drogas, enquadraram-se todas as situações cuja morte teve como fator preponderante a relação da vítima ou parente próximo com drogas ilícitas, seja na condição de usuário seja na de traficante.

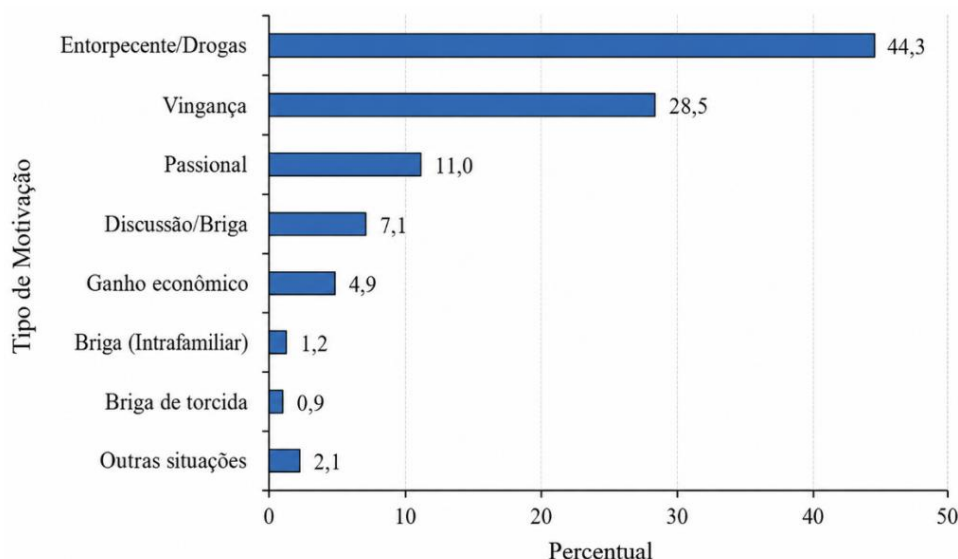
Na categoria vingança, foi constatado que muitos desses homicídios resultaram de situações conflituosas envolvendo a vítima e o autor ou aquela e parentes deste, precedidas, às vezes, por algum tipo de crime ou ofensa perpetrada pela vítima.

A categoria passional reuniu 11% dos casos. Observa-se que tecnicamente esse termo é alvo de críticas diversas, pois o crime passional remete a uma denominação criada como forma de romantizar e justificar a violência letal masculina contra a mulher, ou seja, matar por paixão.

Os homicídios motivados por discussão/briga representaram 7,1% do total de casos. Diferentemente da vingança, essa motivação tem por característica a ação imediata do autor após o desentendimento com a vítima. O Gráfico 2 ilustra a distribuição dos homicídios de acordo com a sua motivação:

GRÁFICO 2

Percentual dos homicídios por tipo de motivação, em Nossa Senhora do Socorro, 2012 a 2017 (N = 326)



Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do DHPP (s/d).

Na análise dos casos de motivação por entorpecente/drogas, recuperando as categorias estabelecidas por Goldstein (1985), foi possível constatar que dessa motivação 88% dos casos corresponderam ao princípio da violência sistêmica e 12% dos homicídios foram decorrentes de compulsão econômica. Nenhum caso foi associado à categoria do princípio psicofarmacológico.

Assim, a análise dos inquéritos policiais confirmou a importância desse material para o conhecimento da prática homicida, deles extraíndo-se robusto acervo de informações pertinentes aos fatos e aos perfis de autores e vítimas.

Evidenciou-se o entrelaçamento do baixo nível de escolaridade, do consumo/tráfico ilícito de drogas e da participação do homem jovem, na maior parte dos casos pesquisados. A pesquisa também identificou as principais motivações da violência homicida, destacando-se a vingança, o crime passional, as brigas/discussões, e principalmente, a relação do indivíduo com o consumo/tráfico de drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência homicida é considerada um grave problema em muitas regiões da América Latina, inclusive no Brasil. O estado de Sergipe foi considerado a unidade federativa mais violenta do país em 2015; em parte, devido às elevadas taxas de homicídio apresentadas pelo município de Nossa Senhora do Socorro, posicionada, no mesmo ano de 2015, como a terceira cidade mais violenta do Brasil.

O presente trabalho, assim, voltou-se para diagnosticar as causas dessa violência, no período de 2012 a 2017, a partir da análise dos inquéritos policiais instaurados para apuração desses homicídios (fonte primária da pesquisa) e tendo por referência teórica (fonte secundária) a bibliografia sobre a temática da violência no Brasil e em outros países da América Latina. Constatou-se a existência de fatores multicausais potencializados pelas mazelas sociais nas quais se acham envolvidos, na sua maior parte, tanto as vítimas quanto os autores desses homicídios.

No contexto da violência letal em Nossa Senhora do Socorro, notou-se semelhança com outras cidades brasileiras e dois fatores chamaram a atenção: o crescimento populacional acelerado e desordenado e a disseminação do comércio ilícito de drogas, em especial no que diz respeito ao seu entrelaçamento com os princípios da compulsão econômica e da violência sistêmica, tendo este último princípio maior expressão, como previsto na literatura.

Dentre as ocorrências de mortes registradas pelo DHPP no período de 2012 a 2017, 82% foram tipificadas como homicídio doloso, percentual elevado e significativo. Por sua vez, em 88% dos casos analisados, o instrumento utilizado para a execução da prática homicida foi a arma de fogo, ultrapassando em muito os 70% da média nacional. Já no que diz respeito ao local do crime, a via pública apresentou-se como sendo o de maior incidência, fazendo com que um espaço tradicionalmente de convivência fosse transformado em espaço de violência.

A pesquisa também permitiu traçar os perfis das vítimas e dos indiciados de homicídio em Nossa Senhora do Socorro, identificando características similares entre eles, a exemplo da faixa etária, do nível de instrução, da cor da pele e gênero. Com efeito, ambos apresentam baixo grau de escolaridade, sem nível fundamental completo, sendo mais de 90% de jovens pretos (negros + pardos) do sexo masculino.

Com relação à motivação, as mortes tiveram como fator preponderante a relação do indivíduo com: comércio ilícito de drogas, vingança, motivação passional (ressalvadas as críticas existentes à nomenclatura) e discussões ou brigas.

Não se olvide ser a violência homicida um problema social complexo, multifacetado, cuja compreensão exige o comprometimento dos diversos atores sociais. Esse contexto confirma a importância do envolvimento das comunidades no processo principalmente de acompanhamento e avaliação de resultados das políticas públicas voltadas para redução e manutenção da violência em níveis aceitáveis.

Por fim, embora tenha buscado contribuir com a literatura e o embasamento de políticas públicas por meio da caracterização dos homicídios em um município particularmente violento à época da pesquisa, deve-se lembrar que este trabalho é de cunho descritivo. Nesse sentido, não se podem deduzir relações de inferência causal a partir de seus resultados, bem como não se pode extrapolar a presente caracterização para outros municípios do país, dado que a particularidade de cada localidade influencia em seu padrão de violência.

Assim, utilizar dados primários de inquéritos e, a partir deles, estimar modelos que permitam inferências parece constituir-se um caminho profícuo para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BECKER, Gary. Crime and punishment: an economic approach. **Journal of Political Economy**, v. 76, n. 2, p. 169-217, mar. 1968.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 23911, 31 dez. 1940.

BUENO, Samira. Para reduzir homicídios Brasil precisa contabilizar as vítimas. **Portal G1**, Monitor da Violência, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2018/08/28/para-reduzir-homicidios-brasil-precisa-conseguir-contabilizar-as-vitimas.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2024.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; LOBÃO, Waldir Jesus Araújo. **Determinantes da criminalidade**: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos. Texto para Discussão Nº 956. Rio de Janeiro: Ipea, 2003a.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; LOBÃO, Waldir Jesus Araújo. **Condicionantes sociais, poder de polícia e o setor de produção criminal**. Texto para Discussão Nº 957. Rio de Janeiro: Ipea, 2003b.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; RANIERE, Mariana; GUEDES, Erivelton Pires; COSTA, Joana Simões de Melo; BATISTA, Filipe; NICOLATO, Patricia. **Indicadores multidimensionais de educação e homicídios nos territórios focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios**. Nota Técnica Nº 18. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/781d92be-c98a-47f8-9e14-4f916e00353d>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FONSECA, Vania; MARQUES, Verônica Teixeira; NOGUEIRA JÚNIOR, Gabriel Ribeiro. Ambiente e violência em Sergipe. Homicídios e características do ambiente social nos municípios sergipanos. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 6-17, 2014.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Aracaju**: estado e metropolização. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 1999. 251 p.

GOLDSTEIN, Paul. The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework. **Journal of Drug Issues**, v. 15, n. 4, p. 493-503, 1985. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002204268501500406>.

GOTTFREDSON, Michael; HIRSCHI, Travis. **A General Theory of Crime**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Brasília: IBGE, 2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2017.

JORGE, Marco Antonio. O Mistério da Região Nordeste: o crescimento da taxa de homicídios no século XXI. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 39, n. 134, p. 55-75, jan./jun. 2018.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.

MERTON, Robert. Social structure and anomie. **American Sociological Review**, v. 3, n. 5, p. 672-682, 1938.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

PAVIANI, Aldo (Org.). **Brasília 50 anos: da capital a metrópole**. Brasília: Editora UnB, 2010.

RODRIGUES, Vinícius Silva. **As transformações recentes no espaço urbano de Nossa Senhora do Socorro**: uma desconcentração metropolitana. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras/SE, 2017.

SAMPSON, Robert; GROVES, W. Byron. Community structure and crime: testing social-disorganization theory. **American Journal of Sociology**, v. 94, n. 4, p. 774-802, 1989.

SAURET, Gerard Viader (Org.). **Estatísticas pela vida**: a coleta e análise de informações criminais como instrumentos de enfrentamento da violência letal. Recife: Bagaço Design, 2012.

SILVA, Klarissa Almeida. **Tipologia dos homicídios consumados e tentados**: uma análise sociológica das denúncias oferecidas pelo Ministério Público de Minas Gerais Comarca de Belo Horizonte – 2003 a 2005. 2006. 86 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2006.

SUTHERLAND, Edwin Hardin. **White Collar Crime**: the uncut version. New Haven: Yale University Press, 1983 [1949].

WARNER, Barbara; PIERCE, Glenn. Reexamining Social Disorganization Theory using calls to the Police as measure of crime. **Criminology**, v. 31, n. 4, p. 493-517, 1993.

APÊNDICE A

ESTRUTURA DA PLANILHA PARA COLETA DE DADOS

Informações gerais					
Divisão	Nº IP	Tipificação	Data da Instauração	Situação	Data da Remessa
Informações sobre Local, data, meio utilizado e Motivação					
Data do Fato			Hora (Provável)		
Cidade	Bairro	Tipo de Logradouro	Localidade	Local do Crime	
Meio Utilizado		Motivação			
Informações sobre a vítima					
Nome	Alcunha	Idade	Cor da Pele	Sexo	Escolaridade
Já foi preso (processado)	Quantas vezes?	Possui Algum tipo de envolvimento com drogas ilícitas	Qual Envolvimento?	Que tipo de drogas ilícitas	
Informações sobre o autor					
Nome	Alcunha	Idade	Cor da Pele	Sexo	Escolaridade
Já foi preso (processado)	Quantas vezes?	Possui Algum tipo de envolvimento com drogas ilícitas	Qual Envolvimento?	Que tipo de drogas ilícitas	